



GÊNERO NEUTRO? NÃO! A BUSCA POR DIREITOS HUMANOS E O USO DA LINGUAGEM COMO DEMARCAÇÃO IDENTITÁRIA DO PÚBLICO LGBTQIAPN+

Gender neutral? No! The search for human rights and the use of language as an identity
demarcation of the LGBTQIAPN+ public

Erik Luís Sott de Santis¹

Fagner Fernandes Stasiaki²

Rosângela Angelin³

Resumo: Atualmente, a discussão do gênero neutro e linguagem neutra tem ganhado visibilidade e gerado polêmicas por se afastar das identidades reconhecidas como binárias. Nesse sentido, a pesquisa, por meio de uma abordagem dialética e bibliográfica, busca analisar avanços, desafios e limitações na luta por reconhecimento de identidade não-binária, através do uso da linguagem como demarcação identitária do público LGBTQIAPN+. Diante do tema, percebe-se um embate de poder entre signos ideológicos já consolidados como a naturalização do “masculino genérico” e da luta pela afirmação identitária não binária. Com isso, a luta por uma linguagem inclusiva para o movimento LGBTQIAPN+ é necessária, pois a censura dessa linguagem afeta os direitos humanos como o direito à igualdade e à liberdade.

Palavras-chave: Direitos humanos. Gênero neutro. Inclusão. Identidade não binária.

Abstract: Currently, the discussion about neutral gender and neutral language has gained visibility and generated controversy by moving away from identities recognized as binary. In this sense, the research, through a dialectical and bibliographic approach, seeks to analyze advances, challenges and limitations in the fight for the recognition of non-binary identity, through the use of language as an identity demarcation of the LGBTQIAPN+ public. In light of

¹ Pós-graduando em Literatura, Artes e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul (PUC). Licenciado em Letras Português e Espanhol – pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus Cerro Largo. E-mail: eriksottdesantis@gmail.com

² Mestrando em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus de Cerro Largo, com Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharel em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai (URI), campus de Santo Ângelo. E-mail: fagnerfstasiaki@aluno.santoangelo.uri.br

³ Pós-Doutora pelas Faculdades EST (São Leopoldo/RS). Doutora em Direito pela Universidade de Osnabrueck. Docente do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado e Doutorado em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo. Vice-líder do Núcleo de Pesquisa de Gênero – Faculdades EST. E-mail: rosangela@san.uri.br



this issue, we can see a power struggle between already consolidated ideological signs, such as the naturalization of the “generic male” and the fight for the affirmation of non-binary identity. Therefore, the fight for inclusive language for the LGBTQIAPN+ movement is necessary, since the censorship of this language affects human rights such as the right to equality and freedom.

Keywords: Human rights. Gender neutral. Inclusion. Non-binary identity.

INTRODUÇÃO

A discussão do gênero neutro e linguagem neutra tem ganhado visibilidade e gerado polêmicas por se afastar das identidades reconhecidas como binárias (homem e mulher). Diante do tema, percebe-se um embate entre a “norma padrão” da linguagem e as novas formas de utilizar e ressignificar o sistema linguístico. Nota-se que a linguagem também é um jogo político e ideológico do qual possui materialidades machistas e sexistas em seus meandros. Assim, a luta da linguagem é uma luta de poder, uma vez que, através dela, nos constituímos enquanto seres pensantes, reflexivos, críticos e nos localizamos no mundo. Isto é, ela se faz presente na construção das identidades.

Com isso, a luta por uma linguagem inclusiva para o movimento LGBTQIAPN+⁴ se faz necessária, pois a censura dessa linguagem é um apagamento social e identitário, de modo que invisibiliza as pessoas não binárias, afastando-as de uma comunicação inclusiva e humanizadora. Além disso, a discussão das questões sociolinguísticas ajuda a buscar espaços no discurso e na sociedade, pois, se comunicar é um direito imprescindível.

Nesse sentido, a pesquisa, por meio de uma abordagem dialética e bibliográfica busca, analisar alguns aspectos da língua portuguesa que podem auxiliar no entendimento do sistema linguístico e dos avanços no campo da linguagem sobre o gênero neutro, bem como, os desafios e limitações na luta por reconhecimento de

⁴ LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexuais/ Poli, Não-binária e mais.



identidade não binária, através do uso da linguagem como demarcação identitária do público LGBTQIAPN+.

Por fim, a pesquisa encontra-se distribuída em três seções: a primeira recorre sobre aspectos gerais que contribuíram para o interesse pela linguagem não sexista e linguagem de gênero no Brasil. Na seção seguinte apresenta-se como a língua é sistematizada no português brasileiro, visando demonstrar como opera o sexismo linguístico e o surgimento do gênero neutro como oposição a lógica dominante. Por fim, a última seção, busca aprimorar a discussão do gênero neutro e ressaltar o embate ideológico na materialização de uma linguagem inclusiva de gênero.

ASPECTOS HISTÓRICOS E GERAIS SOBRE A LINGUAGEM

Para pensar a linguagem é de fundamental importância partir de algum lugar, o “lugar de fala”, o que não costuma ser nada fácil. A linguagem é inerente a condição humana e por isso, a qual diferencia-as pessoas dos outros animais, pois esse ponto entre a lógica e a linguagem é que nos constitui como seres pensantes. Ela é algo que perpassa as construções das identidades ao longo da história. A linguagem sempre esteve presente e é por meio dela que se pode fazer ciência. A partir disso, a presente seção, busca trazer, de forma sucinta, um breve contexto histórico sobre a linguagem na sociedade.

De acordo com estudos de Saussure, em sua obra póstuma, “Curso de Linguística Geral”, a “[...] linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”.⁵ Por isso, as pessoas utilizam a linguagem de modos diferentes num mesmo sistema linguístico, a partir do qual expressam valores sociais. Também, pode-se dizer que a linguagem é multiforme e mutável, porém, ela ganha força através de convenções sociais, ou seja, ninguém muda a linguagem sozinho, pois é necessário que uma massa de falantes apoie essa mutação.

⁵ SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. BALLY, Charles; ALBERT, Sechehaye (org.). São Paulo: Cultrix, 2006. p. 16.



Ao observar a história da linguagem, é possível perceber que as primeiras gramáticas e regras estabelecidas foram criadas por homens e para homens. As mulheres, por exemplo, não tinham o direito de estudar; desde muito novas estavam suscetíveis ao patriarcado e as regras impostas ao sexo feminino. Segundo Sá, na Inglaterra, em meados do século XVI, foi adotada a gramática de William Lily como norma nacional, da qual já apresentava a hierarquização dos gêneros.⁶ Em vista disso, observa-se que o sexismo linguístico também está associado a uma sociedade preconceituosa, reiterando que a linguagem não é inerente a vida social, pois pulsa fora e dentro da língua.

Com isso, apresenta-se exemplos expostos por Possenti⁷, que demonstram a sexualização e a subalternização dos termos linguísticos no que diz respeito as mulheres. Em uma perspectiva sociolinguística observe as significações atreladas ao feminino e ao masculino: “cão = o melhor amigo do homem, cadela = puta; vagabundo = desocupado, vagabunda = puta; o galinha = o “bonzão”, aquele que traça todas, a galinha = puta.” Nesse pequeno recorte de léxico já se pode notar a violência contra as mulheres no campo da linguagem. A luta das feministas sufragistas era constante, pois a língua inglesa, assim como a língua portuguesa, era “neutralizada” usando o masculino como parâmetro da linguagem.

Os movimentos sociais foram e continuam sendo muito importantes para que as parcelas vulnerabilizadas da sociedade em direitos possam lutar pelas suas identidades. Por conseguinte, uma língua construída por homens brancos e cis, necessita de um olhar crítico para identificar nela os resquícios de uma sociedade antiquada, machista, sexista e homofóbica. À vista disso:

Existe um uso sexista da língua na expressão oral e escrita (nas conversações informais e nos documentos oficiais) que transmite e reforça as relações assimétricas, hierárquicas e não equitativas que se dão entre os

⁶ SA, Aurora Viana de. **Análise semiótica do discurso sobre a linguagem neutra**. Dissertação 2022. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Mackenzie, São Paulo, 2022.

⁷ POSSENTI, Sirio. O gênero e o gênero. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 21.



sexos em cada sociedade e que é utilizado em todos os âmbitos. Dentro deles queremos destacar o administrativo, uma vez que não é uma prática habitual contemplar e incluir em seus documentos um uso adequado da linguagem. Basta ler alguns documentos ou escutar as mensagens telefônicas das repartições públicas para poder detectar que se continua usando o masculino como linguagem universal e neutra. Nega-se a feminização da língua e ao fazê-lo estão tornando invisíveis as mulheres e rechaçando as mudanças sociais e culturais que estão correndo na sociedade.⁸

O movimento feminista, assim como, o movimento negro, contribuíram para o debate referente a linguagem. No Brasil, o interesse pela pesquisa sobre o uso da linguagem não sexista e a questão da linguagem neutra se intensificou, por meio do uso da palavra “presidenta,” em 2010, quando Dilma Rousseff foi eleita e reivindicou que a chamassem de “presidenta”. Nesse contexto, o uso da palavra “presidenta” provocou grande discussão e estranheza nos meios sociais, pois não se enquadrava no masculino genérico e “neutro”. Essa discussão gerou revolta por meio de alguns segmentos da sociedade, da qual alegavam que Dilma queria aniquilar com a língua portuguesa, e que ela estaria se pronunciando erroneamente perante o povo.⁹

Porém, o que de fato era novo para o povo Brasileiro era uma mulher ocupar o maior cargo executivo do país, pois o termo “presidenta” já aparecia registrado no Dicionário de Língua Portuguesa, desde 1899. Por conseguinte, um dos maiores nomes da literatura brasileira, Machado de Assis, já colocava em uso o termo em seu livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – observe o excerto: “Na verdade, um presidente, uma presidenta, um secretário, era resolver as coisas de um modo administrativo”¹⁰.

Por fim, é notório que se necessita lutar pelo direito de se comunicar de maneira mais simétrica em todos os âmbitos da sociedade. Uma vez que a linguagem

⁸ TOLEDO, Leslie Campaner de *et al.* **Manual para o uso não sexista da linguagem**. 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

⁹ FALAR “PRESIDENTA” é tão correto quanto falar presidente. **Carta Capital**. São Paulo, 29. nov. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/falar-201ca-presidenta201d-e-tao-correto-quanto-201ca-presidente201d-3220/>. Acesso em: 10 set. 2023.

¹⁰ ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.



é uma ferramenta de poder indissociável na construção e manutenção das identidades. Existem pessoas para além das barreiras de gênero e da lógica heteronormativa universal, outros modos de se expressar são importantes para construir um mundo com mais humanidade, desconstruindo assim, a lógica masculina dominante. A partir do exposto, na sequência a pesquisa ocupa-se com o estudo do sistema binário no que se refere ao gênero neutro e a linguagem sexista.

SISTEMA BINÁRIO: GÊNERO NEUTRO E LINGUAGEM SEXISTA

Como já foi mencionado na seção anterior, a língua portuguesa possui marcações de gênero, das quais expressam valores sociais. Para os gramáticos, a marcação de gênero gramatical está associada aos artigos “o” (masculino) e “a” (feminino). Além dos artigos o/a, entende-se que os artigos acompanhados de substantivos do mesmo gênero, por exemplo, estabelecem a concordância gramatical, como em: o livro, a livraria, o aluno e a aluna. Entretanto, essa regra não se aplica em todos os casos da língua. Analisa-se em:

(6) Uma cerveja seria ótimo.

proferida em um contexto como ‘com um calor desses, uma cerveja seria ótimo’. A Sequência (6) pode ser interpretada como ‘tomar uma cerveja seria ótimo’, na qual alguns elementos estariam elípticos. Mas se tais elementos forem recuperados (*tomar* uma cerveja...), vê-se logo que não são nomes masculinos. Apesar disso, qualquer falante do português concordará que são estranhas sequências como

(7) * Uma cerveja seria ótima.

(8) Tomar uma cerveja seria ótima.¹¹

Esse exemplo, evidencia que a questão da linguagem é muito complexa, de modo que, nessa frase, as palavras são todas femininas, mas não possui uma concordância linear feminina. Ou seja, se contrapõe como a questão tradicional da concordância gramatical que visa a oposição de masculino *versus* feminino. O que de

¹¹ POSSENTI, 2022, p. 26.



fato acontece no português brasileiro é a marca de gênero *versus* ausência de marca de gênero.¹²

Sendo assim, utilizar o feminino como marca de gênero é em oposição, assumir que, a ausência de marca de gênero é masculina. Dessa maneira, a não marcação linguística é estabelecida pelo “masculino genérico”, como por exemplo, o vocábulo “professores”, que abrangeria homens e mulheres; mas quando se diz “professoras” há uma especificidade (marca de gênero), na qual abarca somente o público feminino. Por conseguinte, nota-se que mesmo com a tentativa de “neutralização” ao utilizar termos como *todos*, *presidente*, *professores* (masculino genérico), é difícil, nesses casos, a dissociação ao gênero masculino, visto que, estão de algum modo conotando “traços de masculinidade”.¹³

Portanto, a utilização do “masculino genérico” na forma universal e neutra, não abrange a *todos*, *todas* e *todes*, pois, apenas reproduz a lógica dominante e masculina. Há outras formas do uso da linguagem que comprovam o sexismo que nela se apresenta, principalmente, quando mulheres ocupam cargos de poder e de prestígio social. Quando mulheres estão em *status* de visibilidade e relevância se dirigem a elas com reversão de gênero, por exemplo, “Ela calou minha boca [...] ela (Anitta, a cantora) é um empresário foda (22-12-2020).”¹⁴

Observa-se que a frase, acima, está se referindo a uma mulher na qual é competente no que faz, mas mesmo ela sendo competente, o sentido apreciativo do seu trabalho está atribuído a uma reversão de gênero (no masculino). Entretanto, essa reversão de gênero não ocorre quando se elogia um homem por ocupar um lugar de *status*. Logo, se identifica que as funções de poder estão dadas pelas formas masculinas da língua, o que resulta em um espaço desigual para a figura feminina, bem como, para a população LGBTQIAPN+.

¹² POSSENTI, 2022.

¹³ MOURA, Heronides; MÄDER, Guilherme R. C. Revisão de gênero gramatical no português brasileiro. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.

¹⁴ MOURA; MÄDER, 2022, p. 50.



Segundo Sá, entre os anos 2011 e 2020, as discussões sobre a linguagem neutra geraram muito estudo e algumas materializações pouco duradouras, mas importantes para a mutabilidade da língua. Nesse período surgiram três modos mais expressivos do gênero neutro representados por: *todxs*, *tod@s* e *todes*. O primeiro surge com o *xis* (x), fazendo referência ao sentido matemático da incógnita, teve abrangência entre os falantes, embora algumas limitações como a dificuldade de leitura e sonoridade desagradável, apresentando-se assim, dificuldades na compreensão lexical para as pessoas com deficiência visual.¹⁵

Logo em seguida, passou a utilizar a arroba (@) como marca de neutralidade, o que não foi muito expressivo quanto o primeiro. Por se tratar de um símbolo (@) e não de uma letra seria mais demorada a escrita e muitas pessoas acabavam lendo de forma binária (feminina), em razão de ser semelhante a letra “a”.¹⁶ Após 2020 a crescente do uso da forma neutra *todes* teve a maior expressividade, se materializando em carta de boas-vindas aos universitários, em movimentos sociais, em conversas informais e em livros feministas sobre o poder da linguagem.

Dado o exposto, pode-se constatar que o sistema da linguagem na língua portuguesa ocorria por meio do modo binário (masculino/feminino), prevalecendo o prestígio a figura masculina, o que comprova o sexismo linguístico. Nesse sentido, é de suma relevância a luta por demarcações no âmbito linguístico, para reverter a lógica machista recorrente contra as mulheres e a população LGBTQIAPN+. As mudanças sociolinguísticas como a materialidade expressa por *todes* auxiliam as pessoas não binárias e a população LGBTQIAPN+ ao pertencimento identitário no sistema linguístico.

¹⁵ SA, 2022.

¹⁶ SA, 2022.



IDEOLÓGICO SÃO *ES* OUTRES: DIREITO À LINGUAGEM “NEUTRA”

Ao decorrer da seção anterior pode-se observar o sexismo na linguagem e a crescente do uso da linguagem neutra. Na atualidade, a linguagem neutra está sendo materializada de duas formas: a primeira como oposição ao masculino e ao feminino, por exemplo, “Bom dia a todos, todas e todes” e, a segunda, “Bom dia a todes” como uma forma de neutralização de gênero.¹⁷ Desse modo, observa-se comentários irônicos como: “Vamos tomar um cerveje”, ou a palavra “pente”, que termina em “e”. Nesse contexto, ressalta-se que é equivocado pensar que todas as palavras que terminam em “e” são neutras, pois, a linguagem neutra se aplica apenas a traços mais humanos; desse modo, ela não está associada a objetos ou animais.¹⁸

Entende-se assim, que a linguagem neutra, para ser uma demarcação de identidade não-binária, precisa operar como representatividade linguística para os LGBTQIAPN+. Elas devem ser utilizadas como oposição ao sistema binário e não como neutralização genérica. De acordo com Freitag, “se *todes* é a forma para quem não quer ser identificado pelo gênero, ela é também uma forma de igualdade. Mas neutralizar o gênero para quem quer se identificar por seu gênero, trocando *todos* por *todes*, é trocar uma hegemonia por outra”.¹⁹

Para uma demarcação identitária do uso linguístico de *todes*, é de fundamental importância entender que, sua neutralização oprime os demais segmentos tais como mulheres, homens e outras identidades e descaracteriza o próprio movimento não binário. Isto é, essa demarcação identitária deve ser usada como oposição ao binário e não como neutralização. Portanto, a luta pelo direito de existir linguisticamente através do *todes* necessita ser inclusiva e igualitária.

¹⁷ CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel De Ávila (org.). **Linguagem “Neutra”**: Língua e Gênero em Debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 74.

¹⁸ CAVALCANTE, 2022.

¹⁹ FREITAG, Raquel Meister Ko. Conflito de regras e dominância de gênero. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel De Ávila (org.). **Linguagem “Neutra”**: Língua e Gênero em Debate. São Paulo: Parábola, 2022. p. 74.



Em março de 2022 na cidade de Belo Horizonte (MG), o professor de artes Willian Quintal da escola Santo Agostinho, teria concluído a sua aula pedido para a turma acessarem seus vídeos no *youtube*, como uma forma de complementar o que tinham estudado em aula. Em um dos vídeos, o professor cumprimenta seus telespectadores da seguinte forma: “Sejam bem vindes!”. Diante disso, os pais, mães e/ou responsáveis das pessoas integrantes da turma, ao tomarem conhecimento sobre esse fato, enviaram diversas reclamações para a direção do colégio Santo Agostinho. Veja um dos e-mails enviados à direção:

Boa tarde [...] Tudo bem? Não gostamos da linguagem usada pelo professor William, somos católicos numa escola católica. Gostaria que vocês conversem [*sic*] com o professora [*sic*] e evitem esse tipo de abordagem às crianças, ainda em construção da sua personalidade.²⁰

Logo, os embates ideológicos por meio da linguagem são constantes e, de certa maneira, o que é contra hegemônico incomoda, em especial, os detentores do poder (homens cis e brancos). Os movimentos de diversos segmentos sociais como o movimento de mulheres, negros, indígenas e LGBTQIAPN+, ainda são estigmatizados, pois são reflexos de uma de uma sociedade com heranças históricas e culturais.

Observa-se que, a lógica de “caça às bruxas” ocorrida na idade média contra as mulheres, obteve uma nova roupagem. Ainda que esses mecanismos de opressão tenham se adaptado no decorrer dos tempos, permanecem perseguindo e oprimindo os mesmos segmentos. A escola católica, por exemplo, demitiu o professor Willian Quintal por abordar uma linguagem não binária, um ato discriminatório motivado pela homofobia.²¹

Por conseguinte, esse não é um caso isolado sobre a punição de quem utiliza ou apresenta a linguagem neutra para os alunos. Em São Paulo, no colégio Dante

²⁰ PROFESSOR É DIMITIDO após usar linguagem neutra: “motivação homofóbica”. **Forum**, São Paulo, 16. mar. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/lgbt/2022/3/16/professor-demitido-apos-usar-linguagem-neutra-motivao-homofobo>. Acesso em: 12 set. 2023.

²¹ PROFESSOR É DIMITIDO, 2022.



Alighieri, também ocorreu um fato parecido, após uma professora de história exibir um vídeo de Arqueologia e Antropologia ambiental no qual aparecia o termo “Evolução para todes”. Em consequência disso, a escola posicionou-se contra a atitude da professora, alegando que o material complementar exposto não estava de acordo com a linguagem padrão utilizada institucionalmente pela escola.²²

Recentemente, dia 24 de setembro de 2023, no Colégio Salvatouriano Imaculada Conceição, na cidade de Videira-SC, devido ao uso da linguagem neutra, registrou-se a demissão de uma professora que, ensinava a turma a fazer análises da língua de forma inclusiva, a “demissão foi motivada após um dos alunos filmar a profissional explicando o uso de “todes”, dizendo que é necessário olhar para a pessoa não binária [...]”.²³

Percebe-se que, a linguagem ainda é um mecanismo de manutenção do poder. Ribeiro menciona que, Lelia González, critica a hierarquização dos saberes, porque “quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco”.²⁴ Nesse sentido, Alcoff traz uma crítica à imposição de uma epistemologia universal, o qual desconsidera os diversos saberes, tais como: das parteiras, dos povos originários, a prática médica dos povos colonizados e até mesmo os relatos de experiências em primeira pessoa e assim, constitui-se como legítima e com autoridade uma “epistemologia mestre”, e a partir da sua “verdade” qualifica-se no direito de julgar o conhecimento de diversas localidades culturais e sociais.²⁵

²² COLÉGIO DANTE ALIGHIERI adverte professora que usou linguagem neutra em aula. **Revista Oeste**, São Paulo, 25 mar. 2023. Disponível em: <https://revistaouest.com/brasil/colégio-dante-alighieri-adverte-professora-que-usou-linguagem-neutra-em-aula/>. Acesso em: 15 set. 2023.

²³ LOPES, Leiliane. Professora é demitida do colégio por ensinar linguagem neutra. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/cidades/professora-e-demitida-de-colegio-por-ensinar-linguagem-neutra.html>. Acesso em: 17 set. 2023.

²⁴ RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019. p. 24.

²⁵ ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e estado**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 129-143, jan./abr. 2016. Disponível em: scielo.br/j/se/a/xRK6tzb4wHxCHfShs5DhsHm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 set. 2023.



Nesse sentido, o direito a linguagem, aos novos saberes não podem ser negados e discriminados. Com isso, a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), vinculada ao Ministério Público Federal (MPF)²⁶ repudiam em documento a discriminação do uso da linguagem inclusiva, pois está nega-se a igualdade, a liberdade de expressão em meio a linguagem, bem como, a censura no ensino e na pesquisa, conforme se estudou até aqui.

Com isso, os cenários educacionais supramencionados estão comprometidos, pois banalizam qualquer tipo de reflexão e discussão que envolva a população LGBTQIAPN+ e a linguagem neutra. Nesse sentido, o direito a pluralidade de saberes e práticas pedagógicas inclusivas são sucateadas, entregando a sociedade jovens preconceituosos e proliferadores de violência contra as minorias sociais e raciais.

Por fim, a luta por espaços, tanto no campo da linguagem como na sociedade, são direitos humanos que não podem ser negados aos indivíduos. Esses direitos de minorias, devem manter-se em constante vigília para proporcionar uma educação inclusiva, para de fato garantir um lugar na linguagem que contemple suas especificidades.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa, que buscou analisar avanços, desafios e limitações na luta por reconhecimento de identidade não binária, através do uso da linguagem como demarcação identitária do público LGBTQIAPN+, demonstrou que o funcionamento da língua portuguesa, pode trazer importantes pontos de reflexão, pois ainda, opera-se de modo discriminatório, se utilizando do “masculino genérico” de maneira universal no sistema linguístico. Nesse sentido, as oposições linguísticas como a linguagem neutra, vem ganhando intensidade na internet, nas universidades, mas

²⁶ LINGUAGEM NEUTRA é fator de inclusão social e não pode sofrer censura. **Brasil de fato**, [S.l.], 02 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/02/linguagem-neutra-e-fator-de-inclusao-social-e-nao-pode-sofrer-censura>. Acesso em: 17 set. 2023.



principalmente dentro dos movimentos feministas e LGBTQIAPN+ que, reivindicam uma demarcação política e não-binária contrapondo, assim, a hegemonia linguística.

Embora a luta pela igualdade linguística e social seja desigual, não se pode negar que a crescente do uso do *todes* possui expressividade na atualidade. Esse movimento da linguagem neutra se apresenta, primordialmente, fora da língua. Ele surge como necessidade de um grupo marginalizado pelos processos históricos. Desse modo, entende-se que, somente haverá uma mudança no sistema linguístico, quando uma grande massa expressiva de falantes, utilizarem-se desses termos.

Por fim, entende-se que a língua é diacrônica, portanto, mutável ao longo do tempo, suscetível a mudanças sociais. Ou seja, a luta pelo movimento da linguagem neutra é de extrema importância para a construção de novas identidades, e pelo direito a pluralidade de saberes e práticas pedagógicas inclusivas que possam trazer outras perspectivas para uma sociedade mais plural, menos violenta e mais democrática. Por isso, é fundamental que todos, todas e *todes* pensem sobre a importância dessa linguagem, para uma conversação igualitária e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e estado**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 129-143, jan./abr. 2016. Disponível em: scielo.br/j/se/a/xRK6tzb4wHxCHfShs5DhsHm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 set. 2023.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel De Ávila (org.). **Linguagem “Neutra”**: Língua e Gênero em Debate. São Paulo: Parábola, 2022.

COLÉGIO DANTE ALIGHIERI adverte professora que usou linguagem neutra em aula. **Revista Oeste**, São Paulo, 25 mar. 2023. Disponível em:

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



<https://revistaeste.com/brasil/colegio-dante-alighieri-adverte-professora-que-usou-linguagem-neutra-em-aula/>. Acesso em: 15 set. 2023.

FALAR “PRESIDENTA” é tão correto quanto falar presidente. **Carta Capital**. São Paulo, 29. nov. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/falar-201ca-presidenta201d-e-tao-correto-quanto-201ca-presidente201d-3220/>. Acesso em: 10 set. 2023.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Conflito de regras e dominância de gênero. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel De Ávila (org.). **Linguagem “Neutra”**: Língua e Gênero em Debate. São Paulo: Parábola, 2022.

LINGUAGEM NEUTRA é fator de inclusão social e não pode sofrer censura. **Brasil de fato**, [S.l.], 02 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/02/linguagem-neutra-e-fator-de-inclusao-social-e-nao-pode-sofrer-censura>. Acesso em: 17 set. 2023.

LOPES, Leiliane. Professora é demitida do colégio por ensinar linguagem neutra. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/cidades/professora-e-demitida-de-colegio-por-ensinar-linguagem-neutra.html>. Acesso em: 17 set. 2023.

MOURA, Heronides; MÄDER, Guilherme R. C. Revisão de gênero gramatical no português brasileiro. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.

POSSENTI, Sirio. O gênero e o gênero. *In*: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola, 2022.

PROFESSOR É DEMITIDO após usar linguagem neutra: “motivação homofóbica”. **Forum**, São Paulo, 16. mar. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/lgbt/2022/3/16/professor-demitido-apos-usar-linguagem-neutra-motivao-homofo>. Acesso em: 12 set. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SA, Aurora Viana de. **Análise semiótica do discurso sobre a linguagem neutra**. Dissertação 2022. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Mackenzie, São Paulo, 2022.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. BALLY, Charles; ALBERT, Sechehaye (org.). São Paulo: Cultrix, 2006.

TOLEDO, Leslie Campaner de *et al.* **Manual para o uso não sexista da linguagem**. 2014. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.